

O ensino de História sob a perspectiva de professores iniciantes da cidade do Rio Grande (RS)

Por Caroline Mattos Moraes¹ e Jussemar Weiss Gonçalves

Resumo

Este trabalho busca trazer a perspectiva do professor de História em início de carreira. Oito professores com graduação concluída a partir de 2010, pela Universidade do Rio Grande, se propuseram a nos auxiliar nesta pesquisa que visa mostrar sua posição em relação ao início da carreira, a percepção de seu trabalho, do ensino de História, deste começo de jornada. A estrutura do trabalho, no entanto, vai um pouco além, tentaremos fazer uma interlocução das escolhas durante a vida de cada indivíduo até a chegada na graduação, este enquanto aluno de licenciatura e agora, então, professor. Para a realização deste iremos nos valer da etnografia, pensando em um aprofundamento maior no ambiente escolar e articular a vida pessoal e profissional deste professor. Desta maneira iremos encontrar na narrativa de nossos protagonistas representações de seu cotidiano na construção de uma identidade docente, para isso o caminho etnográfico será parte fundamental para a realização da pesquisa.

Palavras-chave: Professor Iniciante, Ensino de História, Perspectivas, Etnografia.

Abstract

This project tries to bring the history teacher's perspective in early career. Eight teachers with completed graduation since 2010, through the Rio Grande university, proposed to help us with this quest that aims to show their position regarding career start, their work and the teaching of history perception, since the beginning of the journey. The structure of the work, however, goes a little beyond, we'll try to make an interlocution of the choices during the life of each individual up until the arrival at graduation. To this achievement, we'll use ethnography considering further deepening in the school environment, and articulate the professional and intimate life of said teacher. In this way, we'll find in the narrative of our protagonists representations of their daily lives in the making of a teacher identity, so that the ethnographic path will be a key part for the research.

Keywords: beginning teacher, the teaching of history, perspectives, ethnographic

¹ Universidade Federal do Rio Grande.

Este texto é parte integrante da pesquisa realizada no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que busca trazer a perspectiva do professor de História jovem². Trazer a sua posição em relação ao início da carreira, a percepção de seu trabalho, do ensino de História, deste começo de jornada. Além da perspectiva do professor em seu início de caminhada, podemos abordar sua formação inicial formal, esta como uma das principais influências para a prática destes professores e decisiva na permanência ou desistência do nossos personagens na carreira.

Deste nosso personagem central podemos apurar suas impressões da escola (ou escolas) que trabalha, da sala de aula, como este encara o cotidiano escolar e a construção da identidade profissional serão pontos que iremos trabalhar ao longo de nossa escrita. Desta maneira iremos encontrar na narrativa de nossos protagonistas representações de seu cotidiano na construção de uma identidade profissional.

Além de encontrar na narrativa detalhes sobre seu início de carreira, tentaremos nos aprofundar um pouco mais no seu espaço de trabalho, a escola. Observando como os professores em questão se articulam, se relacionam no ambiente escolar.

A etnografia, uma ramificação da Antropologia e assim, uma metodologia qualitativa. Ganhava força nos anos 1960 com os movimentos sociais e estudantis pelo mundo e aguçou a vontade de saber o que acontecia, de fato, nas escolas e salas de aula. No Brasil, esse paradigma ganhou impulso a partir dos anos 80 do século XX.

Assim, André (1995) nos remete

A década de 1960 foi marcada por vários movimentos sociais, por lutas contra a discriminação racial e social e pela igualdade de direitos. Foi também nessa década que aconteceram as rebeliões estudantis da França, o que precipitou o interesse dos educadores pelo que estava se passando realmente dentro das escolas e das salas de aula e pelo uso da abordagem antropológica ou etnográfica como forma de investigação do dia-a-dia escolar. (ANDRÉ, 1995, P.20/21)

O caminho vem sendo trilhado há pouco tempo, pois me deparei com este tema ao longo do curso em que me encontro. Em uma das disciplinas que cursei sobre

² O jovem aqui entendido não como novo ou juvenil, mas como iniciante neste caminho. Aquele que está em seus primeiros momentos de vida docente. Assim, não devemos relacionar o início de carreira com idade cronológica.

memória e professores, na qual a avaliação final solicitava um artigo baseado em uma entrevista com professor de história. Conforme fui me aproximando deste assunto, mais me identifiquei com o tema. Deste trabalho cresceu uma outra motivação para desenvolver o trabalho de conclusão de mestrado. De certo, houve uma lapidação da temática junto ao orientador, outras leituras, outras indagações até chegar ao objetivo deste trabalho.

Esta pesquisa será realizada com a colaboração de oito professores de História com até cinco anos de formação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), que lecionam em escolas privadas e públicas da cidade e contará sobre suas percepções da sua experiência docente.

Metade do grupo é formado por homens e outra metade por mulheres, suas idades são bastante distintas, assim como os motivos de cada um para ingressar no curso de História, portanto temos um grupo bastante heterogêneo. Relacionar as condições sócioeconômicas dos nossos professores, um pouco do aspecto pessoal e as suas escolhas serão pontos que nos auxiliarão a entender melhor quem é cada indivíduo da nossa pesquisa.

Nossos primeiros contatos foram através da internet, mais precisamente da rede social Facebook. Primeiramente porque é o meio com qual todos os nossos personagens interagem, assim essa plataforma consegue nos conectar ao mesmo tempo. E é um meio, que considerarei ser menos invasivo na vida destes professores e através desta ferramenta conversamos e marcamos nossos encontros.

O professor em início de carreira, no entanto, será o foco máximo deste trabalho, temos que atentar para o fato que aqui o início de carreira não é sinônimo para jovem professor, ou seja não devemos relacionar com a idade de nossos professores. Sua narrativa, sua experiência docente incipiente, sua vida e sua construção identitária tem relevância ímpar nesse cenário historiográfico em que nos encontramos. Suas escolhas, como estas afetam sua vida, buscamos articular a vida pessoal com a profissional.

A escolha da profissão e a noção que se atribui à docência mesmo antes da formação têm um papel importante na trajetória profissional do educador. Em princípio, tal ato pode parecer irrelevante. Todavia, o momento da escolha da profissão, a imagem que se tem do que é ser professor e os motivos que impulsionaram a escolha incidem na maneira de ser e estar na docência. (CUNHA; CARDÔZO, 2011)

Em acordo com Cunha e Cardôzo podemos pensar para nossa pesquisa que se volta para os professores, que esse momento de escolha é de grande significado para a profissão, pois atrelada a formação em uma instituição de

ensino o contexto da escolha desenhará a profissão. O que nos remete à outra dupla, Papi e Martins (2010) que nos dizem que os anos iniciais de docência tem uma carga muito importante também para o desempenho do profissional da educação.

De certa forma, podemos, por um lado, falar de um esgotamento de modelos e de um regime de verdades e de explicações globalizantes, com a aspiração à totalidade, ou mesmo de um fim para as certezas normativas de análise da história, até então assentes. Sistemas globais explicativos passaram a ser denunciados, pois a realidade parecia mesmo escapar a enquadramentos redutores, tal a complexidade instaurada no mundo pós Segunda Guerra Mundial. A dinâmica social se tornava mais complexa com a entrada em cena de novos grupos, portadores de novas questões e novos interesses. Os modelos correntes de análise não davam mais conta da diversidade social [...] (PE-SAVENTO, 2012, p.8/9)

Nesta explanação podemos deduzir o motivo da História Cultural ser tão relevante nesta pesquisa, para que possamos desenvolvê-la com qualidade, visto que esta abordagem nos propicia analisar questões que a historiografia tradicional não conseguiria atingir, pois iremos tratar com indivíduos e suas peculiaridades.

Para alcançar os objetivos propostos para este trabalho, a oralidade será aliada fundamental. A História Oral, portanto, *“não se trata apenas de um ato ou procedimento único. História oral é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto”* (MEIHY, 2010, p.15).

Atualmente a história oral vem desenvolvendo uma tendência de trabalhos bastante significativa para a historiografia, dando visibilidade a objetos históricos por vezes esquecidos, em nosso caso visitando a perspectiva do professor em início docente.

Bem como a etnografia *“traz novo olhar para a realidades educacional até então ausente, ou pelo menos pouco visível...”* (OLIVEIRA, 2013, p.168). Pensando dessa maneira, a etnografia nos inquieta a questionar pontos que estamos acostumados.

Em nosso caso, o professor, personagem tão corriqueiro no quadro educacional, em especial o jovem professor e sua efervecência profissional, ainda é um foco novo no campo da pesquisa educacional.

Partindo do ponto de vista de um professor de história podemos recontar uma história, que por vezes deixamos esquecida. E trazer essa compreensão significa encontrar na sua própria história respostas para o quadro atual da educação.

Uma jovem que começa sua caminhada de professora de história, em meio as mazelas do sistemas municipais, estaduais ou particular tem um olhar muito particular que cabe ao pesquisador evidenciar, marcar, trazer a tona, mediante uma forma de pesquisar que permita a expressão dessas jovens, a partir de seu olhar.

Um rapaz inexperiente que escolhe a licenciatura como maneira mais rápida para a inserção no mercado de trabalho e se insere neste arranjo educacional, tem uma visão muito singular. Esta começando sua jornada na docência, mas será que continuará a lecionar? Será que ele encontrou sua verdadeira vocação³ na docência? Posições de um recém ingressante no mundo docente é a proposta deste trabalho, pode fazer com que olhemos mais profundamente que faz a escolha da docência em História.

Neste sentido a História Oral

[...] seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais, etc.), a história do cotidiano e da vida privada (numa ótica que é o oposto da tradição francesa da vida cotidiana), a história local e enraizada. E em segundo lugar, seria inovadora por suas abordagens, que dão preferencia a uma ‘história vista de baixo’ [...] atenta as maneiras de ver e de sentir, e que as estruturas ‘objetivas’ e as determinações coletivas prefere as visões subjetivas e os percursos individuais [...]. (FERREIRA; AMADO, 2006, p.4)

Inova pois traz a perspectiva de quem viveu ou vive determinado tempo, dando voz aos “silenciados”, segundo Ferreira e Amado. Portanto, esse caminho significa tanto para a realização desta pesquisa. E ainda para estas autoras, a história oral tem um significado diferente, tratar de compreensões peculiares.

Por essa citação, podemos ver o quão considerável será trabalhar sob essa metodologia, não cabendo mais uma história feita somente com os grandes nomes, está na hora de fazer história também com homens e mulheres reais e sob seus horizontes e ampliar nosso leque de pesquisas. Por esse crescimento e aceitação da história oral podemos ver uma história com necessidade de trabalhar com temáticas voltadas para os “silenciados”.

Para Meihy (2010) os detalhes do projeto em história oral são fundamentais para o andamento da pesquisa,

³ Vocação segundo o dicionário é o chamamento, o ato de ser chamado ou habilidade para desempenhar determinada profissão ou carreira, mas devemos tomar em consideração além da natural capacidade de ser professor, o caráter sócioeconômico em que cada individuo está inserido e as escolhas da sua vida a partir deste elemento.

substancialmente quando se trata de entrevistas, dessa maneira e por se tratar de “documentação viva”, como afirma o autor, temos uma demanda especial quanto à sistematização das entrevistas. Ou seja, quando a oralidade é transcrita.

Não resta dúvida: os produtos de entrevistas em história oral devem sempre resultar em documentos de base material escrita, ainda que, em tantos casos, derivados de diálogos verbais. Mas isso não os iguala aos demais, pois a existência de “documento” não resolve tudo. Se há dúvida de qual é o documento em história oral- se a gravação ou o produto final, se o objeto da gravação ou o texto escrito e aprovado pelo colaborador-, não cabe desconfiança de que um ou outro modo sempre, de um encontro gravado, se pode sair com pelo menos um suporte documental vertido do oral para o escrito. (MEIHY, 2010, p.24)

Nesta perspectiva, a utilização da oralidade de professores em início de caminhada nos auxiliará em momentos precisos na vida docente destes profissionais, entendimentos que não encontraremos em documentos, ditos, oficiais.

“A história interessou-se pela oralidade na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas” (FERREIRA; AMADO, 2006, p.16). Para Ferreira e Amado, a história oral é dinâmica e, dessa maneira, ressalta a visão e a interpretação dos atores sociais. Segundo as mesmas autoras, também, abordar a oralidade como fenômeno é se aproximar cada vez mais do centro da vida dos seres humano.

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (ANDRÉ, 1995, P.27)

Sob a perspectiva da etnografia podemos nos aprofundar mais no ambiente escolar, tentar trazer a cultura da escola e como o professor em início docente se estrutura neste contexto. Para André (1995), *“conhecer a escola mais de perto significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia-a-dia...”* (P. 41).

Iremos buscar na singeleza do cotidiano escolar respostas para a construção identitária do professor iniciante.

O método etnográfico consiste em um processo de indução e investigação, onde o pesquisador vai a campo observar determinado grupo. Tentar compreender esse grupo, suas produções, seus significados, o que lhe afeta. Deixar que esses sentidos afetem o pesquisador também. *“Esse método, aqui, afirmamos, pressupõe a possibilidade de um duplo movimento: de irmos até os agentes sociais, e de trazermos esses agentes em sua totalidade até nós por meio da descrição etnográfica...”* (OLIVEIRA, 2013, p. 170).

Para André (1995), há uma adaptação da etnografia ao processo educacional, sendo assim, etnógrafos tentam descrever a cultura de um grupo e os educadores tentam descrever o processo educativo. Desse encaixe surgem *“estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito”*.

André (1995) ainda ressalta que,

A pesquisa do tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. [...] Chegue bem perto da escola para tentar entender como operam no seu dia-a-dia os mecanismos de dominação e de resistência... sentir a realidade e o mundo (ANDRÉ, 1995, p. 41).

A história oral será também de fundamental significância captando em entrevistas semi estruturadas certas posições dos nossos professores, porém a etnografia permite um trabalho mais livre, onde o pesquisador observa o ambiente e como este afeta as pessoas, na verdade o pesquisador irá narrar o processo com mais naturalidade e em consequência o pesquisado se sentirá mais confortável.

Não aceitando que a realidade seja algo externo ao sujeito, a corrente idealista-subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo. Em oposição, a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador (ANDRÉ, 1995, p. 17).

No Brasil, pesquisas de cunho qualitativo começaram a se desenvolver com mais destaque a partir da década de 70 do século XX, consolidando-se nos anos 1980. Uma motivação, como sabemos, dos pesquisadores educacionais foi a questão de avaliação curricular e o que estava aconte-

cendo nas salas de aula, assim a etnografia vai ganhando fôlego na produção de trabalhos.

“Segundo Sirota (1994), a análise do cotidiano escolar na sala de aula por meio da etnografia, a partir dos anos 1950 do século XX, trouxe grande renovação acadêmica com relação às pesquisas que vinham se desenvolvendo até então”. (OLIVEIRA, 2013, p.167) Temos que entender que antropologia, bem como a etnografia pretende inquietar nosso olhar sobre algo que já nos é natural.

A história oral, neste primeiro instante, será auxiliar da etnografia. E, principalmente, em casos onde a escola não nos ceder espaço para realizar a pesquisa. Tendo em vista que este trabalho será de imersão na realidade escolar e do professor, temos que prever alguns percalços, como a negação de algumas escolas.

Em 2007, Ana Maria Monteiro escreveu em “Professores de História: Saberes e Práticas” que os professores como foco de pesquisas é muito recente, pois foi durante a década de 1970 que as mudanças de paradigmas surgiram como profundas transformações nos processos de pesquisas científicas. A década seguinte, podemos observar um movimento de elaboração curricular e a década de 1990, analisamos um crescimento de pesquisadores e trabalhos abordando o livro didático e suas vertentes. E ainda cita Fonseca, “*lecionar é inventar saberes próprios à sua situação de trabalho; ser professor de história é também ser educador e historiador*” (MONTEIRO, 2007, p. 30).

Essa abordagem nos remete ao tema central de nossa pesquisa: o professor. O professor em seu início de carreira e quem é esta pessoa que está se constituindo como profissional. E como nos aponta Monteiro (2007), o professor como alvo de pesquisas é muito novo. O que nos faz pensar que seja urgente mais trabalhos sobre e com este personagem.

Ainda no mesmo livro, Monteiro nos apresenta uma pesquisa desenvolvida por ela com professores e seus relatos sobre docência, escolhas e ensino. Este trabalho nos esclarece aspectos singelos de cada ser humano que participou do projeto.

Esses relatos que expressam as visões dos professores sobre a opção pelo magistério, e pelo ensino de História, confirmam esse imbricamento da experiência profissional com a vida pessoal de que nos falam Tardif e Lessard (1999): descobertas, curiosidades, sensibilidades que são mobilizadas já muito cedo, na infância ou adolescência, a partir de experiências com familiares e professores marcantes, referenciais. (MONTEIRO, 2007, p.62)

Podemos dizer que esta citação foi o mote de inspiração para encaminhar nossa pesquisa, visto que vamos

tentar articular a visão dos professores em início docente acerca de si próprio e as relações cotidianas como interferem nesse processo de constituição.

A síntese pessoal da história da vida profissional de cada um dos professores expressa também um quadro de referências socialmente construídas e partilhadas, construção esta que se deu num processo de socialização profissional, mas que adquire expressão própria, particular na história da vida de cada um. (MONTEIRO, 2007, p. 64)

Neste sentido, queremos que este trabalho tenha as características e expressões de cada professor ingressante que se disponibilizou a entrar neste projeto. Tentar trazer o professor além do profissional, articular sua vida pessoal também é um dos objetivos deste trabalho. Desta maneira, iremos conciliar dois caminhos nesta pesquisa de cunho qualitativo.

Segundo Papi e Martins, duas autoras do Paraná, este momento é basilar para a construção do profissional, para a permanência ou não deste indivíduo na docência dependendo das circunstâncias que este irá encontrar no caminho.

Dentre outras particularidades como o motivo da escolha profissional e a formação inicial, os primeiros anos docentes vão configurar a perspectiva do professor. Essa constituição profissional pode se dar na escola, na imediata inserção do professor recém formado no mercado de trabalho, bem como na formação continuada, na busca de aperfeiçoamento, ou também na sua formação informal.

Os primeiros anos de exercício profissional são basilares para a configuração das ações profissionais futuras e para a própria permanência na profissão. Podem tornar-se um período mais fácil ou mais difícil, dependendo das condições encontradas pelos professores no local de trabalho, das relações mais ou menos favoráveis que estabelecem com outros colegas, bem como da formação que vivenciam e do apoio que recebem nessa etapa do desenvolvimento profissional. (PAPI; MARTINS, 2010)

Dentro deste grupo que iremos trabalhar, o espaço comum de construção profissional é a escola, contudo não podemos excluir o fato de uma formação continuada formal por parte de alguns desses professores em começo de carreira.

Não podemos negar que muitas transformações ocorreram na História e no Ensino de História até aqui. A História como disciplina apresenta constantes e significativas modificações em relação aos métodos, conteúdos e finalidades para enfim se configurar a proposta curricular

atual. Essas transformações acompanham as necessidades sociais.

Sendo dessa maneira, o século passado foi muito expressivo, trouxe perspectivas consideráveis para a História, bem como para o ensino de História. Diante do momento presenciado pela educação nacional se faz pertinente refletir as práticas docentes e sobre os próprios professores.

No que tange às políticas públicas do ensino de História, precisamos considerar que este foi alvo de uma série de mudanças, a partir especialmente de 1968, em um processo contínuo de desqualificação dos professores de história. Como o professor tem um papel central na constituição de qualquer projeto educacional, este foi diretamente atacado pelas diretrizes políticas do Estado. (CUNHA; CARDÔZO, 2011)

Para Cunha e Cardôzo, com a implantação do método “3+1” começou a depreciação do professor. Este método consiste em três anos de conhecimentos específicos e mais um ano de conhecimentos pedagógicos, na formação inicial. Atacado fortemente, este modelo foi utilizado até a década de 1960.

Ainda em Cunha e Cardôzo (2011) podemos ver que, mesmo com a introdução da Lei de Diretrizes e Bases em 1961 a formação inicial do professor continuava fracionada e a universidade permanencia distante da escola e das problemáticas enfrentadas por esta instituição.

As pesquisas envolvendo o professor tiveram início nos 90 do século XX, ou seja, um movimento recente. Até então, as pesquisas sobre a escola e sobre o processo de aprendizagem isolava o professor. Para Monteiro (2007), o professor era visto como um transmissor de conteúdos produzidos por outros, desqualificando este profissional.

A partir dos anos 1980, podemos notar a culpabilização do professor pela crise educacional que o país encarava, assim houve um processo para que a formação deste profissional fosse aprimorada. Assim, para Monteiro, *“revelando uma mudança de perspectiva, associava-se a questão da formação com a da profissionalização”* (2007, P.36)

Portanto, um trabalho com professores em início de caminhada profissional na cidade do Rio Grande poderá nos revelar minúcias sobre o ensino de História e sobre a própria História que vem sendo delineada em nossa cidade.

Tomar a narrativa oral como fonte da história é possível graças às mudanças na relação entre a história e a memória, articuladas a uma série de modificações nas concepções epistemológicas, constituindo, de tal modo, um novo cenário de possibilidades no âmbito historiográfico,

onde a mais expressiva alteração talvez seja relativa à pretensão de objetivismos e generalismos na produção do conhecimento histórico. A historiografia passa a evidenciar o caráter hermenêutico da história, a valorizar questões de âmbito subjetivo e reflexivo relativas ao sujeito histórico, que fora esquecido, muitas vezes, da memória pública. Portanto, a memória não é só um objeto da história, deve ser analisada como um fenômeno social. (CARDÓZO; CUNHA, 2011)

A propósito, a história oral é um elo entre a história e as demais ciências sociais e do comportamento, assim em conjunto com a antropologia, a sociologia e a psicologia. E por dialogar com as demais áreas esta se faz um caminho interessante de pesquisa para este trabalho.

Nesse sentido, além da história oral, a etnografia como um caminho para melhor desenvolver esta pesquisa. Visto que além de entrevistas com nossos professores iremos adentrar no universo escolar, o cotidiano, como o professor se articula nessa instituição, como são os alunos e a relação que estabelecem com os professores.

A etnografia vai nos auxiliar a captar melhor os detalhes dos nossos professores em seu ambiente de trabalho, com seus colegas e alunos, sua interação com a instituição e com outros espaços.

A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX quando os cientistas sociais começaram a indagar se o método de investigação das ciências físicas e naturais, que por sua vez se fundamentava numa perspectiva positivista de conhecimento, deveria continuar servindo como modelo para o estudo dos fenômenos humanos e sociais. (ANDRÉ, 1995, P.16)

Dessa maneira, André (1995) traz em sua escrita quando a pesquisa qualitativa começou a ganhar fôlego, também constatamos que esta perspectiva colabora em máxima estância com nosso propósito, realizar um trabalho com e sobre professores em início docente e articular este personagem no ambiente escolar.

André (1995) ainda relata que um dos pioneiros a buscar por um método diferenciado foi Wilhelm Dilthey, visto que *“os fenômenos humano e sociais são muito complexos e dinâmicos, o que torna quase impossível o estabelecimento de leis gerais como na física ou na biologia”*. (ANDRÉ, 1995, p.16)

A principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados. Alguns desses significados são diretamente expressos pela linguagem, outros são transmitidos indire-

tamente por meio das ações. [...] A etnografia é a tentativa da descrição da cultura. (ANDRÉ, 1995, P.19)

Sendo assim, a etnografia procura descrever a cultura, no nosso caso, a cultura escolar. Procura entender a relação do externo para os indivíduos, busca mostrar que a realidade está introjetada nas pessoas. Segundo André (1995) essa abordagem em seu princípio foi chamada de “naturalística”, pois estuda o acontecimento ao seu natural.

A história oral vai chegar onde a etnografia não alcançar. Algumas escolas não cederam espaço para o traçar de nosso projeto, portanto nesses casos será utilizada como fonte principal, a entrevista semiestruturada. Em escolas que nos foi concedido o espaço para observação, aliaremos as duas metodologias.

Sendo o fato deste trabalho ser realizado com pessoas, este não se esgota em si, pelo contrário, haverá sempre assunto para se explorar. Para que possamos desnaturalizar esse personagem, tão corriqueiro na nossa sociedade, para que a investigação acerca do professor seja feita por várias óticas.

Por mais transformações que o ensino de história e a própria ciência história tenham presenciado, o século passado, no entanto, foi muito expressivo, trouxe perspectivas consideráveis para a História, bem como para o ensino de História. Atualmente se faz pertinente refletir as práticas docentes e sobre os próprios professores.

Devemos analisar esse sujeito sem juízo de valor, certo ou errado, não somos nós quem deve presumir. O fato é que este trabalho deve nos possibilitar ampliar nossos olhares acerca deste sujeito e o quanto este pode nos auxiliar na construção da educação histórica.

A singularidade desta pesquisa é exatamente essa peculiaridade em concentrar-se na memória dos professores recém formados e seu ineditismo quando tratamos de pessoas centralizadas em uma realidade específica.

Ana Maria Monteiro (2007), nos aponta, e como sabemos, que na década de 1960 o foco das pesquisas era a somente a compreensão dos processos de aprendizagem, isolando a figura do professor. Durante a década seguinte, para Monteiro, foi o auge da desqualificação do professor como profissional, pois era considerado um mero transmissor de conteúdos. Porém nos anos 1980, houve uma mudança no currículo da formação inicial dos professores, visto que este era o culpado pela crise educacional. Trabalhos com o foco no professor e como este articula seus saberes começaram a borbulhar depois da década de 80 do século XX.

Assim, Thompson defende a oralidade, pois por mais que houvesse escritos e publicações significantes, até o início do século passado, não abarcavam uma história

completa. Ou pelo menos uma que mostrasse mais de uma concepção. Neste sentido, ele comenta que “*não era possível preencher as lacunas com material manuscrito [...]*”, podemos entender que a história oral alcança onde os documentos oficiais não podem alcançar.

Outra leitura bastante significativa para a composição deste trabalho é “Usos e abusos da História Oral da Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (2006). Que organizam uma série de artigos sobre o status da história oral atualmente, no Brasil e no mundo. As autoras acreditam que com a criação da Associação Brasileira de História Oral em 1994, trouxe significativa visibilidade para a metodologia e conseqüentemente, “*estimulando a discussão entre pesquisadores e praticantes da história oral em todo o país*” (FERREIRA; AMADO, 2006, p. IX)

Em “História Oral: memória, tempo, identidades” (2010), a autora Lucilia de Almeida Neves Delgado contrói uma escrita com base em dois blocos: o primeiro traz a história e a memória como uma metodologia para se fazer a história oral. Também nos indica alguns procedimentos que devemos adotar quando realizamos entrevistas, nas transcrições e nas análises. O segundo momento nos remete à prática, com apresentação de artigos sobre memória e tempos vividos, como mesmo chamam.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. *Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. [...] Move-se em terreno interdisciplinar, já que utiliza muitas vezes música, literatura, lembranças, fontes iconográficas, documentação escrita, entre outras para estimular a memória.* (DELGADO, 2010, p.16)

Novos interesses em relação ao ensino de história se devem ao fato de uma ampliação dos meios de comunicação, que, por meio das propagandas, desempenharam o papel de formuladores de políticas culturais. Segundo nossa autora, desde então, o saber escolar não é só formado apenas na escola, mas também por todos os outros mecanismos.

Vale ressaltar que voltar o olhar para o ensino de história, visto que esta é uma categoria relevante ao nosso estudo. A maneira como nossos professores em início de carreira encaram este tema e até mesmo elaboram e ministram suas aulas advém de rupturas e permanências no âmbito educacional.

Sobre formação de professores podemos destacar de algumas leituras que nos inspiram a pensar e refletir sobre este tema.

Isabel Alarcão em 2003 nos trouxe “Professores reflexivos em uma escola reflexiva”, que no prefácio relata uma viagem ao Brasil para ministrar duas palestras sobre educação. Nesta declaração a autora mostra-se um pouco triste pois não se “sentiu em casa”, o hotel onde havia se hospedado não tinha a identidade brasileira. A autora se utiliza desta viagem para tecer uma escrita baseada na história local.

“Reafirma-se a necessidade da reflexão crítica, pelos professores; acentua-se a sua dimensão coletiva e não meramente individual, e apresenta-se um conjunto de estratégias de formação propiciadoras do desenvolvimento de educadores reflexivos” (ALARCÃO, 2003, p. 10). Reflexão é um ponto significativo para nosso trabalho, por isso esta autora significa para esta construção.

Neste modo, buscamos pontuar alguns assuntos neste trabalho, mas com o foco central no professor em início profissional. Claro, que por vezes é mister trazer alguns outros pontos que se encontram com o cerne da pesquisa.

Ana Maria Monteiro, em 2007, traz o livro “Professores de História: Entre Sabes e Práticas”. Uma releitura de sua tese de doutorado, onde trabalha com a perspectiva de quatro professores, sobre suas escolhas, sua formação, seus alunos. Alternando entrevistas e observação, este livro nos mostra um caminho possível a ser feito.

Esses relatos, que expressam as visões dos professores sobre a opção pelo magistério, e pelo ensino de História, confirmam esse imbricamento da experiência profissional com a vida pessoal de que nos falam Tardif e Lessard (1999): descobertas, curiosidades, sensibilidades que so mobilizadas já muito cedo, na infância ou adolescência, a partir de experiências vividas com familiares e professores marcantes, referências. (MONTEIRO, 2007, p. 62)

Sob o cunho de nos auxiliar neste caminho, Marli Eliza D.A de André (1995), traz a perspectiva antropológica da etnografia no livro “Etnografia da Prática Escolar”. Em verdade o trabalho mostra uma gama de opções de pesquisas partindo do ponto qualitativo. Porém, a etnografia será o caminho que nos levará aos nossos objetivos.

A pesquisa do tipo etnográfica, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária. (ANDRÉ, 1995, P.41)

Assim, podemos concluir que esta pesquisa se desenvolverá sob duas metodologias de natureza qualitativa. A princípio, este trabalho será dividido em três capítulos, que irão aliar as metodologias, o ensino de História e as posições dos professores iniciantes.

Coligar duas metodologias, pois algumas escolas não nos cederam espaço para desenvolver a pesquisa etnográfica, portanto nestes casos a história oral será o caminho seguido. Em casos onde a escola está disposta a nos receber, iremos observar o espaço, as aulas, o professor e como este se articula no ambiente e ainda, uma entrevista semi-estruturada para nos aprofundar neste universo.

O caminho para o trabalho: História Oral e Observação Participante, é o primeiro capítulo desta pesquisa. Iremos trabalhar sob a perspectiva das metodologias que escolhemos para alcançar nossos objetivos. Se tratando de uma pesquisa sobre professores, metodologias de cunho qualitativo são, de fato, esclarecedoras. A história oral e a etnografia irão nos levar onde documentos, tidos como oficiais, não nos levarão, pois tratam da própria visão de quem vive ou viveu algum período da História, no caso da história oral. E nos permite uma aproximação com o nosso objeto de pesquisa, no caso da etnografia.

Os professores iniciantes) frente a sua formação inicial, Neste segundo capítulo iremos apresentar os atores que irão compor esta pesquisa, abordaremos também sua formação inicial e como esta é influenciadora da sua prática em sala de aula. Vamos articular a história oral com a etnografia, visto que este contato com os professores será sob as técnicas de cada método. As escolhas que se faz durante a vida até a chegada no curso de licenciatura, os hábitos que constituem o professor, como a escola afeta a vida desse professor em início docente são pontos que iremos abordar na primeira parte desta pesquisa. Outro ponto bastante interessante de se trabalhar neste capítulo é o que motivou que fez esse professor decidir pelo ensino. Assim, podemos discutir sobre a vocação, neste caso, o dom natural de lecionar e levar em consideração o momento social e econômico em que este jovem está inserido.

No terceiro momento deste trabalho, Expectativa X Realidade, iremos apontar quais eram as expectativas de nossos professores durante a graduação, quais esperanças carregavam em sua formação inicial como professores. Outro ponto que tentaremos trazer é como esses profissionais enfrentam os desafios de sala de aula, visando contrapor as suas expectativas com a realidade escolar. E como estes desafios contribuem para uma construção identitária profissional. Neste momento também será válido tratar como o professor percebeu sua graduação, como ele se percebia enquanto aluno, qual a impressão deste professor

ao retornar à escola como professor. Buscando aliar as concepções de nossos personagens com autores que transitam pela temática do ensino de História.

Na conclusão, professores em início docente e suas perspectivas, a última etapa deste vamos abordar a postura desse profissional em construção diante à escola que trabalha, a direção dessa escola, dos seus colegas, enfim desvendando como este se articula no ambiente escolar. Suas expectativas sobre o ensino de História, frente ao início de carreira. Neste capítulo podemos traçar um paralelo entre as concepções dos professores e autores que trabalham acerca do ensino atual e as mudanças que o ensino de História presenciou.

Por fim, podemos concluir que esta pesquisa está amparada por duas metodologias de cunho qualitativo, história oral e etnografia. Ambas vão nos auxiliar em construir um caminho voltado para o professor em início docente e como este articula os saberes acadêmicos com os saberes escolares, como este personagem está constituindo sua identidade profissional, o cotidiano escolar e sua dinâmica.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli Eliza D.A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ALARCAO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. 11. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4 Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. 2 Ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CATANI, Denice Barbara (orgs). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CUNHA, Jorge Luiz da; CARDÔZO, Lisliane dos Santos. **Ensino de História e formação de professores: narrativas de educadores**. Educ. rev. no.42 Curitiba Oct./Dec. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602011000500010

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Rio de Janeiro: Topoi, dezembro 2002, pp. 314-332.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FINO, Carlos Nogueira. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. Universidade da Madeira. S/D. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>

GUARIZA, Nadia Maria. **A História Oral e o Ensino de História: A Discussão Atual em Revistas Acadêmicas Brasileiras**. Artigo apresentado para conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná. 2002.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e prática de ensino de história**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006.

GUIMARAES, Selva. **Caminhos da História Ensinada**. Campinas: Papyrus, 2012.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: F.Alves, 1976.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. **História Oral como fonte: problemas e métodos**. *Historiæ*, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011.

MIALARET, Gaston. **A Formação dos Professores**. Coimbra: Livraria Almedina, 1991.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, Metodologia, Memória**. São Paulo: Contexto, 2010.

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Profissão Docente**. Universidade de Lisboa. S/D. Disponível em: <http://core.ac.uk/download/pdf/12424596.pdf>

OLIVEIRA, Amurabi. **Algumas Pistas (e armadilhas) na utilização da Etnografia na educação**. *Educação em Foco*. Ano 16 - n. 22 - dezembro 2013 - p. 163-183. Disponível em: <http://www.uemg.br/openjournal/index.php/educacaoemfoco/article/viewFile/322/312>

PAPI, Silmara de Oliveira Gomes; MARTINS, Pura Lúcia Oliver. **AS PESQUISAS SOBRE PROFESSORES INICIANTE: ALGUMAS APROXIMAÇÕES**. *Educação em Revista | Belo Horizonte | v.26 | n.03 | p.39-56 | dez. 2010*. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a03.pdf>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi (orgs). **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RODRIGUES, Ângela; Esteves, Manuela. **A Análise de Necessidades na Formação de Professores**. Porto: Porto Editora, 1993.

SILVEIRA, Éder da Silva. **História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico.** MÉTIS: história & cultura – v. 6, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A, 1992.